

A LITERATURA E A REALIDADE SOCIAL

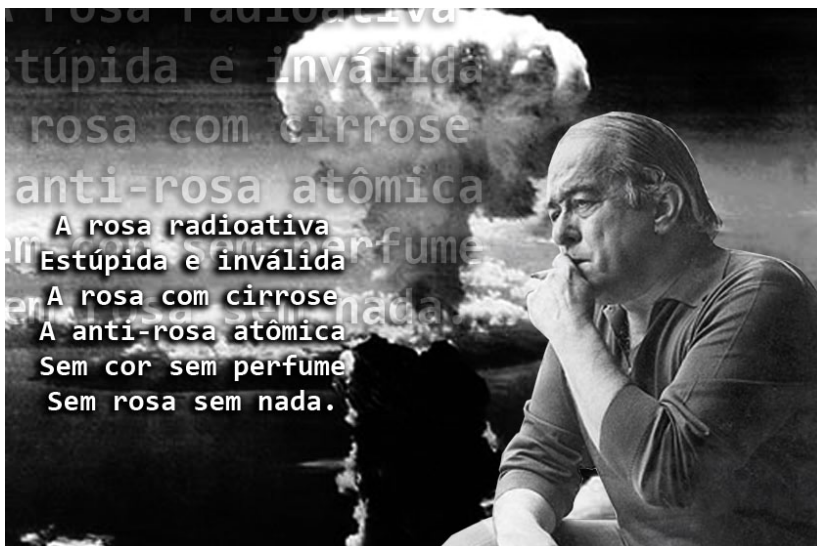
META

Mostrar as relações entre a literatura e o contexto sóciopolítico no qual ela é produzida.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

- determinar as relações entre a realidade literária e a realidade empírica;
- estabelecer os pontos de convergência e de divergência entre o discurso literário e os demais discursos sociais;
- identificar a influência do social nas transformações da literatura.



INTRODUÇÃO

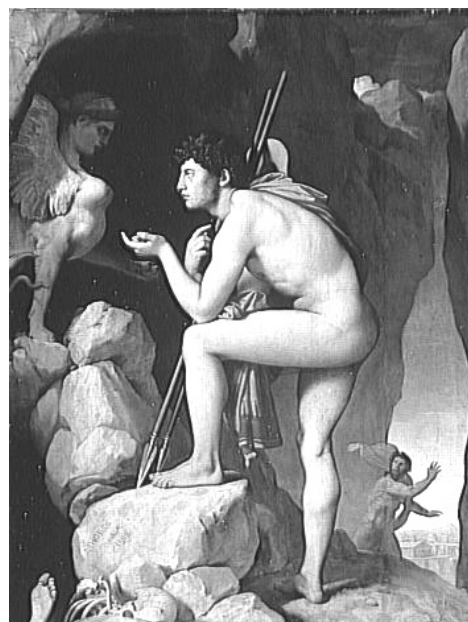
Já sabemos que a literatura é uma instituição social e uma das muitas manifestações da Cultura. É uma realidade criada pela sociedade a partir da linguagem, pois é feita de palavra. Sabemos também que a palavra é o veículo de transmissão de todos os sentidos que circulam no grupo social. É importante notar o seguinte: o escritor é um membro da sociedade, e como tal é alguém em quem estão transitando os acontecimentos sociais; é alguém em quem está transitando o saber da sociedade, quer dizer, quando ele fala, não fala a partir do nada. Ele toma um dado da realidade histórica, cotidiana ou simplesmente imaginária e o transforma pelas condições literárias do texto. É dessas relações que vamos tratar no nosso encontro de hoje.



A LITERATURA E A REALIDADE SOCIAL

Aliteratura é uma criação, a literatura é uma ficção, mas o fato de essa ficção se fazer de modo a romper com a natureza da realidade existencial não significa que nela não apareçam as coisas, os fatos, os acontecimentos, as pessoas. Evidentemente, tudo isso aparece transformado no nível do discurso, aparece transformado pela linguagem. A realidade constituinte da obra literária – todos sabemos – é uma realidade que não tem existência fora do discurso. Toda realidade social presente no texto é ficcional, é uma realidade que não tem compromisso com a veracidade dos acontecimentos. Apenas tem compromisso com a verossimilhança, com aquilo que é possível de acontecer na organização da obra e com o que é necessário para compor essa obra. O escritor é um membro da sociedade, falando para a sociedade, sobre o que acontece na sociedade, partindo da certeza de que os leitores de sua obra estão também na sociedade. E de que forma se pode demonstrar essa afirmação?

O homem grego, na pessoa de Homero, fala dos mitos que faziam parte do imaginário social do seu tempo. Então Homero vai falar sobre “acontecimentos” que, na verdade, são relatos lendários, isto é, são mitos que povoam a imaginação das pessoas. O mito é a estória que, não sendo história, não está comprometida em traduzir o fato enquanto tal, mas quer traduzir o sentido metafórico do relato. Então Homero vai se servir de histórias e lendas e transformá-las de uma maneira em que o caráter universal da dimensão humana aparece no texto. Se se tomar, por exemplo, a obra *Édipo Rei*, de Sófocles, veremos que, dentre vários outros aspectos, ele trabalha a questão do destino. Sófocles trabalha na obra uma realidade patente na sociedade daquela época: o homem submetido às forças do destino.



Édipo expõe o enigma da Esfinge. Jean Auguste Dominique Ingres, 1808, Musée du Louvre, Paris.

ÉDIPO REI

Édipo Rei é o nome de uma tragédia escrita por Sófocles. Édipo é filho de Laio e Jocasta, reis de Tebas. Informado pelo oráculo de que seria morto por aquele filho, Laio manda um escravo abandonar Édipo em algum lugar ermo, logo depois do seu nascimento. Compadecido da criança recém-nascida, o escravo não a mata, mas amarra seus pés e a pendura numa árvore.

Atraído pelo choro da criança, Forbas, um pastor de Corinto, a encontra e a leva para Peribeia, esposa de Pólipo, rei de Corinto. Como a rainha não tinha filhos, adotou a criança, e deu-lhe o nome de Édipo, que significa: “Aquele que tem os pés inchados”. Quando jovem, durante uma festa, Édipo escutou, da parte de um dos convidados, um comentário que punha em dúvida a legitimidade de sua origem. Inquieto, foi procurar o oráculo de Delfos, de quem ouviu a informação já dada, anos atrás, a Laio – seu pai legítimo –, isto é, ele mataria o pai e casaria com a mãe. Apavorado com a informação, e a fim de evitar o crime, Édipo não volta para Corinto e começa a viajar de cidade a cidade. Numa dessas viagens, ao passar por uma estrada muito estreita, encontra-se com uma carruagem trazendo um homem idoso e seu cocheiro. O idoso manda abrir caminho, mas Édipo se recusa e começa uma luta que acaba com a morte do velho e de seu cocheiro. Este velho era Laio, seu pai.

Quando chega em Tebas, Édipo toma conhecimento dos grandes problemas que a cidade está enfrentando por causa de uma Esfinge, um monstro de corpo de leão e cabeça de mulher, que abordava os transeuntes e os devorava se não decifrassem os enigmas que ela lhes apresentava. O problema era tão grave que Creonte, que tinha ocupado o lugar de Laio, logo depois de sua morte, havia prometido a mão da rainha e o reino a quem matasse a Esfinge. Movido pelo espírito aventureiro, Édipo se apresenta a Creonte, confessando sua intenção de destruir a Esfinge. Vai até o lugar onde ela estava impedindo o trânsito das pessoas. Ao ver-se diante dela, recebe um enigma: “Qual animal que de manhã caminha com quatro pés, ao meio dia com dois e à tarde com três?” Édipo responde: “O homem, porque na infância engatinha, na fase adulta caminha com dois pés e na velhice apoia-se em um bastão.” Irritada com o acerto, a Esfinge lança-se ao mar e acaba o flagelo de Tebas. Como prêmio, Édipo casa-se com Jocasta, a rainha e sua mãe.

Subliminar

Aquilo que está por baixo; uma ideia subliminar é aquela que está por trás de outra que se encontra manifesta.

Cruzadas

Expedições militares organizadas pela Igreja, na Idade Média, no período que se estendeu do final do século XI até metade do século XIII. Essas expedições tinham por objetivo combater os inimigos do cristianismo e libertar Jerusalém das mãos de não cristãos. Essas expedições passaram a ser chamadas “cruzadas” por causa do símbolo que identificava os soldados – a cruz, que era bordada em sua roupa.

Vemos assim que a literatura está procurando traduzir os valores e as verdades que circulam no imaginário social de sua época ou de sua tradição. A tradição traz o passado para o presente. Outro exemplo que se pode trazer é Cícero. Quem foi Cícero? Agora já não estamos entre os gregos, mas entre os romanos. Cícero era um orador que vivia exaltando os valores de Roma e abordando assuntos de interesse coletivo. E tanto falou que acabou tornando-se um perseguido político. No caso de Horácio, já sabemos que tomou as ideias de Platão e de Aristóteles e escreveu uma carta chamada depois Arte Poética. Nesta carta, Horácio colocava as regras que o poeta deveria seguir para escrever, para fazer literatura. Nessa época, a preocupação era com a retórica, porque a oratória era algo que estava em voga. Então, o que Horácio vai colocar? Vai colocar as regras de bem fazer o texto para que ele possa cumprir seus objetivos.

Em resumo, o escritor, de uma forma ou de outra, está traduzindo o que circula consciente ou inconscientemente na coletividade, aquilo que está presente clara ou subliminarmente no tecido social. A literatura nunca parte do nada. O escritor sempre parte de alguma coisa. Em Portugal, Camões, com *Os Lusíadas*, cantou grandes feitos do povo português. Na Espanha temos **Cervantes**, que viveu um momento da história em que existia entre os rapazes uma fantasia de realização pessoal e espiritual para aqueles que entravam nas **cruzadas**. *Dom Quixote*, por exemplo, é uma obra em que ele faz uma crítica a esse pensamento ingênuo.

O fato é que encontramos sempre o autor inserido no contexto da sua sociedade, no contexto da sua realidade. Quer dizer, entre literatura e sociedade existe uma relação estreita, porque a literatura é um produto da sociedade revelando a sociedade.

Se por um lado a literatura é um efeito das condições sociais, por outro, ela encaminha o leitor de volta à sociedade. Existe, então, um movimento circular: a sociedade remetendo à literatura e a literatura retornando à sociedade. É claro que ela o faz através de uma representação da sociedade passada pelo crivo da subjetividade do escritor ou do poeta. Sabemos que o homem do século XVII está vivendo os efeitos do choque entre dois modelos de pensamento: o modelo teocêntrico da Idade Média e o modelo humanista de parte do século XV e início do século XVI. No modelo teocêntrico, se vai à fé em Deus para explicar o mundo, a sociedade, tal como se organizavam. Mas no final da Idade Média, começa a haver uma virada no paradigma ideológico: a explicação da realidade começa a ser buscada não mais em Deus, mas no próprio mundo, na própria realidade humana. É o homem que deve, lançando mão da sua racionalidade, da sua lógica, procurar a explicação das coisas. Agora, em vez de em Deus estar o centro da explicação, é no homem que se encontra a explicação. Por isso, esse momento da história se chamou Humanismo.

O Barroco foi o resultado desse conflito entre a mentalidade medieval e a mentalidade humanista. Como uma das consequências, temos uma arte que procura trabalhar a forma de maneira irregular, onde as linhas são sempre curvas. Na pintura, esse movimento artístico trabalha a oposição, às vezes na cor (o claro e o escuro), às vezes no estado de espírito (enquanto uma pessoa aparece com a fisionomia tranqüila, outra aparece angustiada). O contraste é uma característica do Barroco.

Quando chegamos ao século XX, vamos encontrar uma nova realidade da sociedade. Não é mais a realidade do homem renascentista, nem é mais a realidade do homem do século XVIII. Nós encontramos um homem avançando na indústria, avançando na tecnologia, e aí surgem movimentos chamados “vanguarda” e, no meio deles, existe o Futurismo encabeçado por Marinetti. Veja o que ele diz em 1909:

Um automóvel de corrida é mais belo que a Vitória de Samotrácia.



Miguel de Cervantes

Escritor espanhol (1547-1616). Estudou retórica e gramática em Madrid. Em 1570, alistou-se nas tropas pontificais para lutar contra os turcos. Sua bravura como guerreiro acabou lhe custando a mão esquerda, perdida na batalha de Lepanto. Escreveu *Dom Quixote*, cuja primeira parte foi editada em 1605 e a segunda em 1615.

Vitória de Samotrácia

Era parte integrante de uma fonte que tinha o formato de proa de um navio, esculpida em torno do ano 200a.C. Foi encontrada em pedaços, em 1863. Atualmente, encontra-se no Museu do Louvre em Paris.



Filippo Marinetti

Escritor italo-francês (1876-1944). Fundador e principal teórico do Futurismo. Filippo Tommaso Emilio Marinetti nasceu em Alexandria. Depois de estudar na França, Itália e Suíça, trabalhou numa revista italo-francesa em Milão. Publicou o Manifesto Futurista (1909) no jornal francês *Le Figaro*.



Octávio Paz

Escritor, poeta e diplomata mexicano (1914-1998). Ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1990. Dele é a afirmação: “Se os líderes lessem poesia, seriam mais sábios”.

A *Vitória de Samotrácia* também conhecida como Nice de Samotrácia é uma escultura, uma estátua alada da deusa Atena Niké (em grego Niké Vitória) e é uma referência de beleza clássica. Mas o início do século XX é marcado pela indústria, inclusive a indústria automobilística, então a velocidade vai traduzir o momento em que o homem está vivendo o seu progresso tecnológico. Já não se quer admitir a arte montada na Torre de Marfim, dissociada da realidade do cotidiano. Outras de suas afirmações de impacto foram: “O tempo e o espaço morreram ontem, vivemos já no absoluto, pois criamos a eterna velocidade onipresente” e “Desejamos demolir os museus e as bibliotecas”.

Por que desejaríamos demolir os museus e as bibliotecas? Porque eles guardam o passado, e a arte precisa acompanhar a atualidade da vida, precisa acompanhar a atualidade do homem. Dessa certeza, **Marinetti** extrai a ideia do passado como algo abominável na arte. A poesia deve estar baseada essencialmente no valor, na audácia, na revolução, quer dizer, a arte deve partir de algo atual e dinâmico da vida.

Vejam agora uma relação mais próxima entre a literatura e a política. Existe um texto de **Octávio Paz** em que ele fala de uma relação entre literatura e ideologia. Ao falar em literatura e ideologia, ele está traçando um paralelo entre o discurso literário e o discurso ideológico que circula no social. Quando dizemos existir uma relação muito estreita entre literatura e sociedade, não estamos perdendo de vista que literatura é ficção e não, história. A História está comprometida com a realidade dos acontecimentos ocorridos; a literatura se volta para a imaginação. Enquanto a primeira se ocupa do acontecido, a segunda se ocupa com o possível de acontecer. Mas como vemos essa diferença se acabamos de dizer que a literatura está baseada nos acontecimentos? É que os acontecimentos presentes na literatura são acontecimentos ficcionalizados, trabalhados pelo imaginário do poeta ou do escritor e, nesse trabalho, eles fazem dos acontecimentos o nascedouro da literatura. Assim, a literatura é sempre o resultado da fantasia criadora de alguém: da fantasia do escritor ou da fantasia do poeta.



CONCLUSÃO

Quando se diz que a função da literatura é produzir-se enquanto tal, se está na concepção da arte pela arte, na concepção de que a arte se basta a si mesma e não tem outro valor além. Mas não se pode negar que, em sendo um produto da cultura, ela também é um instrumento de ação da cultura, por isso é utilizada por pensadores, políticos, teatrólogos, entre outros agentes culturais, quer dizer, a arte tem uma ação social mesmo em sua condição de linguagem que se volta para si mesma. Se a arte se volta para si mesma, isso não a torna uma realidade isolada do mundo, não a torna uma realidade isolada na cultura. Do ponto de vista estético ela se justifica por si, mas do ponto de vista social ela tem uma aplicação independentemente de sua finalidade autotélica. A literatura não é intencionalmente formadora de opinião, mas ela acaba contribuindo para a formação de opinião, e dessa maneira entra no engajamento social. Otávio Paz diz que “a palavra do escritor tem força porque brota de uma situação de não força”. Ora, se a palavra do escritor tem força, significa que tem efeito social, porque a literatura está disseminando ideias, está disseminando o pensamento. Mas de que maneira aparece a força da literatura? A literatura aparece com essa força porque ela não impõe uma ideia. Ela parte de uma posição de não força, apresenta-se apenas como palavra. Entretanto, essa palavra que se quer apenas literária está entrando no pensamento de cada leitor e está agindo subliminarmente.

Depois dessas considerações sobre arte, literatura, cultura e sociedade, vamos na próxima Aula estudar a literatura do ponto de vista de sua natureza própria. Vamos refletir um pouco sobre o ser da literatura.

RESUMO

- A literatura é uma criação social e se faz a partir do imaginário que circula coletivamente. Esse imaginário é trabalhado ficcionalmente pelo escritor ou pelo poeta, e o resultado é o texto literário.
- O imaginário social se faz em torno de questões políticas, econômicas, filosóficas, religiosas e de tudo o mais que compõe a vida social.
- Os grandes nomes da literatura universal também partiram daquilo que povoava o imaginário do seu povo.
- As transformações sociais decorrentes da revolução industrial, do desenvolvimento tecnológico e de novos paradigmas éticos, políticos, econômicos são fatores determinantes na história da literatura.
- Assim, a literatura guarda a sua natureza estética e ao mesmo tempo atrai o leitor para as questões humanas das quais ela mesma recebeu influência. Isso mostra a relação estreita entre a literatura e a sociedade.



ATIVIDADES

1. Em uma biblioteca ou em um site de consulta, procure dois ou três resumos da Odisseia de Homero que lhe permitam detectar três situações importantes da obra aplicáveis à moral social grega daquele momento.
2. Em um *chat*, discuta com mais dois colegas sobre o que na obra literária é discurso e o que é história fictícia. Depois escreva uma pequena redação de 5 a 8 linhas expondo as conclusões a que você chegou.
3. Apresente de forma argumentativa, em uma redação entre 10 e 15 linhas, algumas relações que podem ser estabelecidas entre literatura e sociedade.

REFERÊNCIAS

- FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2002.
- ORWEL, George. **Literatura e política: jornalismo em tempo de guerra**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- PROENÇA FILHO, Domício. **Estilos de época na literatura**. São Paulo: Ática, 2001.
- TROTSKI, Leon. **Literatura e revolução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.